



## POR QUE FOTOGRAFAMOS?: FOTOGRAFIAS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUA INSERÇÃO NOS TEXTOS ETNOGRÁFICOS

**Why do we photograph?: Photographs in research with children and their integration into Ethnographic texts**

**Emilene Leite de SOUSA**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Imperatriz, Brasil  
[emilene.sousa@ufma.br](mailto:emilene.sousa@ufma.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-2608-6677> 

**Eula Rebeca Silva LIMA**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão,  
Imperatriz, Brasil.  
[eula.rebeca@discente.ufma.br](mailto:eula.rebeca@discente.ufma.br)  
<https://orcid.org/0009-0004-4963-5119> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

### RESUMO

Este artigo trata da produção de fotografias como dispositivo epistemológico nas pesquisas com crianças e sua inserção nos textos etnográficos. A fotografia deve ultrapassar sua dimensão ilustrativa para se constituir como produtora de conhecimento, dispositivo relacional e agente de subjetividades no encontro etnográfico. Criticamos a pouca relevância atribuída às fotografias nos textos, considerando: o lugar epistemológico da fotografia nos achados da pesquisa; o processo relacional de produção das imagens; a sua inserção nos textos e os sentidos analíticos que produzem; e o reconhecimento da coautoria infantil. Reconhecemos que as crianças interpretam suas experiências através de linguagens visuais, ampliando assim as possibilidades de compreensão antropológica não apenas das infâncias, mas dos próprios contextos socioculturais estudados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia. Etnografia. Pesquisa com crianças.

### ABSTRACT

This article discusses the production of photographs as an epistemological device in research with children and their inclusion in ethnographic texts. Photography should transcend its illustrative dimension to constitute itself as a producer of knowledge, a relational device, and an agent of subjectivities in the ethnographic encounter. We critique the limited relevance attributed to photographs in texts, considering: the epistemological place of photography in research findings; the relational process of image production; its inclusion in texts and the analytical meanings it produces; and the recognition of children's co-authorship. We acknowledge that children interpret their experiences through visual languages, thus expanding the possibilities for anthropological understanding not only of childhoods but also of the sociocultural contexts studied.

**KEYWORDS:** Photography. Ethnography. Research with children.

## INTRODUÇÃO

A consagração dos estudos da infância como um campo legítimo de pesquisa, tem sido acompanhada de inúmeras discussões metodológicas sobre como as pesquisadoras que se interessam por essa temática devem proceder em campo. Isso ocorre porque, por muito tempo na história, as crianças não tiveram reconhecidas sua agência ou autonomia (Sousa, 2018; Lima e Sousa, 2020) sendo recente a consolidação de uma Antropologia da Criança no Brasil. Considerando que a antropologia não nos fornece um aporte metodológico durante a formação para pesquisar crianças, muitas pesquisadoras tem se dedicado à reflexões acerca dos métodos e técnicas usados em investigações com crianças, a fim de contribuir com o campo (Sousa, 2015; Pires, 2007; Sousa e Pires, 2021a; Sousa e Pires, 2021b; Lima e Sousa, 2021; Sousa, 2019; Sousa 2022).

Pires (2007) analisando os recursos que a ajudaram na produção de dados com crianças, argumenta – junto a James, Jenks e Prout (1998) - que não se faz necessário criar técnicas específicas para as pesquisas com crianças, entretanto defende que não é contra a criação e discussão de métodos e técnicas que considerem às especificidades infantis, pois “as crianças e os adultos comportam-se de maneiras diferentes e respondem de maneiras igualmente diferentes aos diversos métodos e técnicas” (Pires, 2007, p. 253).

Com base nisso, este artigo tem por objetivo analisar como são utilizadas as fotografias em pesquisas com crianças e de que maneira se dá sua inserção nos textos etnográficos. A análise parte da observação de que as investigações que usam a fotografia como técnica, em sua maioria, não realiza grandes reflexões epistemológicas sobre o uso desta ferramenta em campo, muitas vezes omitindo as fotografias no texto final, embora afirmem que elas foram essenciais para que as investigações ocorressem - seja na produção dos dados, seja no acesso ao campo.

Assim como ocorre em relação aos desenhos (Sousa 2021a), muitas etnografias terminam por colocar as fotografias em segundo plano diminuindo a sua importância. Isso pode ser averiguado por meio: 1) da ausência das fotografias nos textos; 2) do posicionamento delas, muitas vezes nos anexos; 3) da escala da fotografia, geralmente reduzida, comprometendo a resolução e a consequente visualização; 4) da falta da descrição do seu processo de elaboração. Tudo isso impossibilita que as fotografias sejam plenamente exploradas suprimindo a compreensão da técnica de pesquisa como importante para fornecer uma visão mais aproximada dos sujeitos e do tema em questão.

A partir disso, este artigo investiga o modo como as fotografias têm sido utilizadas nas etnografias com crianças. Partimos do princípio de que a fotografia é uma técnica eficaz de pesquisa junto as crianças, não apenas por atrair as mesmas, mas por auxiliar na construção de uma narrativa imagética do campo e de seus sujeitos em suas ações cotidianas. As etnógrafas frequentemente usam a produção de fotografias como técnica, pois estas facilitam o acesso às crianças em campo (Sousa, 2015), no entanto não costumam problematizar o uso das fotografias durante as pesquisas ou no texto etnográfico. Em muitos trabalhos não há uma justificativa para a produção das mesmas, e mesmo quando a pesquisadora menciona a máquina fotográfica como instrumento de pesquisa, as fotografias são raras no corpo do texto, ou lhes é dado como lugar os anexos, tornando-as elementos pós-textuais. Ora, diante disto, por que fotografamos?

Apesar da fotografia ser utilizada nas pesquisas com crianças desde os trabalhos de Margareth Mead e Bateson (1962), nós antropólogas não obtemos uma formação para o uso da técnica da fotografia e há pouco material que oriente sobre os modos de proceder o uso da máquina fotográfica como ferramenta em campo com crianças. Ao contrário, quando as fotografias são mencionadas nos capítulos metodológicos de forma mais cuidadosa, mais se fala sobre suas limitações, tanto éticas quanto práticas. Neste sentido, este artigo deseja ser uma contribuição para o debate em torno do uso da fotografia nas pesquisas com crianças, incentivando uma maior reflexão sobre a mesma como recurso de pesquisa e nos auxiliando a nos apropriar dos seus benefícios.

Além de problematizar a função da fotografia nas pesquisas e nos textos etnográficos, este artigo reflete sobre a sua produção e as razões pelas quais sua confecção é uma importante técnica de pesquisa e aliada da pesquisadora que investiga crianças. Para isso, estamos dispostas a analisar não apenas os usos das fotografias e sua inclusão nos trabalhos finais, mas o ato da produção das fotos em seus distintos contextos.

Neste texto perseguimos as seguintes linhas argumentativas: a primeira é a de que a produção das fotografias deveria ser considerada como técnica essencial em pesquisas com crianças, de modo que se reconheça a sua contribuição em revelar os sujeitos e o Objeto da pesquisa. A segunda é a de que se faz necessário, além de reconhecer a importância da técnica, descrever o processo de produção das fotografias, deixando claras as condições em que se deu. A terceira, é a de que seu uso seja validado a partir de uma inserção mais assertiva nos textos etnográficos.

Para além desses argumentos, tecemos uma crítica a reduzida relevância que se dá às fotografias, no que se refere a sua pouca inserção nos textos antropológicos.

Logo, neste artigo analisamos um conjunto reduzido de textos, considerando alguns aspectos nos usos das fotografias nas pesquisas, são eles: a) a afirmação da importância da fotografia para a produção de dados da pesquisa; b) a descrição dos processos de produção das fotografias – em que lugar, em que condições, com que material, em que espaço de tempo, etc.; c) se foi feita a inserção das fotografias no texto e de que maneira essa inserção se dá.

Defendemos que a fotografia exerce importantes funções na pesquisa com crianças, podendo ser útil em pelo menos três sentidos: o primeiro seria como senha de acesso às crianças sujeitos da pesquisa; o segundo seria como recurso de auxílio ao pesquisador para contar a história, um modo de acessar a memória, rememorando os fatos na hora da escrita do texto, quando o *being there* der lugar ao *being here* (Geertz, 2005); e o terceiro – talvez a sua principal função estando no texto – que seria situar o leitor, fornecendo uma visão mais precisa do campo, tornando estes sujeitos que parecem generalizados ou imaginários, presentes para os leitores, além de ofertar um quadro geral de onde a experiência com a infância destes sujeitos se desenrola. Através das imagens, pensamos, como sugere Clifford (2002), poderemos lutar para evitar representar “outros” abstratos e a-históricos.

Em relação a inserção das fotografias nos textos, reforçamos que, o conjunto de textos que trazemos para a análise diz respeito a etnografias com crianças em distintos contextos: no campo, em cidades, aldeias, escolas, terreiros, acampamentos, ranchos, etc. Por isso, a fotografia seria um importante recurso ao revelar os quadros mais amplos da pesquisa, o seu próprio contexto, afinal estas infâncias estão circunscritas aos lugares onde (ou as condições em que) ocorrem. Isso inclui pesquisas em abrigos ou casas de acolhimento, quando há um impedimento de fotografar as crianças pela justiça, mas importantes informações são reveladas com as fotografias dos espaços destas instituições (Lima, 2021).

Façamos aqui duas ressalvas: a primeira delas é que utilizar a fotografia apenas como recurso de acesso às crianças é limitar a sua potência enquanto técnica e desperdiçar a sua possibilidade de ampliar a análise do tema em questão. A segunda ressalva diz respeito a inserção das fotografias nos textos, uma discussão ética a qual nos dedicaremos na segunda metade deste artigo.

Há ainda um aspecto a ser tratado. Este diz respeito, especificamente, a participação das crianças do processo de produção das imagens, durante a pesquisa de campo, bem como a garantia de sua participação também na seleção das imagens que irão compor o texto final. Defendemos que, se as crianças são protagonistas das

pesquisas e estão envolvidas em tais imagens, que são delas mesmas ou produzidas por elas, elas merecem estar presentes também na produção textual, como argumentaremos adiante.

## **A PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS E NOS TEXTOS ETNOGRÁFICOS**

Este artigo se dedica a análise dos usos da fotografia nas etnografias com crianças –tanto enquanto técnica, durante a experiência etnográfica, quanto nos textos etnográficos. Para o exercício da análise etnográfica, Malinowski (1984) – por meio de uma inovação metodológica em relação aos trabalhos antropológicos feitos até então – rompe com a tradição ao propor um trabalho de campo exaustivo, elevando o status da experiência compartilhada: só é possível realizar etnografia estando entre os nativos.

A ideia de experiência etnográfica que nasce em Malinowski (1984) e a tentativa de captar o que foi consolidado a partir de uma análise sistemática, fez com que o autor atribuísse importância aos registros visuais. Fotografias, desenhos e pranchas são incorporados diretamente em seus livros, tornando-se parte essencial dos textos. Para Malinowski, não bastava descrever as populações da Melanésia, era fundamental mostrá-las em seu cotidiano, de modo que as fotografias em seus trabalhos tornam-se reveladoras de suas maneiras de ser, vestir, suas expressões, posturas e aparências. A riqueza visual somada ao conteúdo, fez da obra de Malinowski um modelo de investigação etnográfica seguido por várias gerações de antropólogos, que, mesmo enfrentando dificuldades no acesso ao campo, carregavam consigo as pesadas câmeras fotográficas (Campos, 1996). Ainda assim, Malinowski criticou o que considerou a pouca importância dada às fotografias que produziu:

Uma deficiência fundamental do meu trabalho de campo deve ser mencionada. Não dei a devida atenção às fotografias (...) Tratei a fotografia como se fosse uma atividade secundária, uma maneira – de certo modo menor – de agrupar ‘testemunhos’, ‘provas’, ‘evidências’. Foi um sério erro da minha parte (Malinowski, 1977 [1935], p. 480).

Desde Malinowski<sup>1</sup>, a produção das fotografias nas pesquisas antropológicas tem sido comum, embora a maioria de nós não informemos, diretamente, por que

---

<sup>1</sup> Anna Grimshaw (2001) atenta para a qualidade intensamente visual da prosa malinowskiana como parte de sua concepção de conhecimento antropológico. Em um estilo narrativo eminentemente visual, Malinowski não apenas descrevia o que via, ele queria fazer ver, com isso criou um tipo distinto de texto: o mundo descrito no texto, com imagens da vida nativa que significavam mais do que representações abstratas.

fotografamos. Nos estudos da infância, a partir de Margareth Mead (1962) - que contou com o auxílio de Gregory Bateson para compor sua pesquisa sobre a infância balinesa - a técnica vem sendo escolhida para compor as ferramentas de análise no campo<sup>2</sup>.

Essa tradição se deve porque a fotografia está diretamente relacionada ao ato de "olhar". Cardoso de Oliveira (1998), chama atenção para a importância deste ato cognitivo, o olhar deve estar atento aos vestígios que as coisas/seres deixam fazer parte da experiência do etnógrafo que deseja não apenas descrever, mas oferecer uma análise sistematizada. Seria, dessa forma, o olhar a primeira experiência do pesquisador em campo, este que foi disciplinado pela teoria para ser, em seguida, aperfeiçoado pela experiência.

Portanto, o olhar disciplinado é um dos atos cognitivos de acesso do pesquisador aos seus objetivos de análise, e a fotografia seria portanto a ferramenta que conseguiria capturar o que está sendo visto tornando a cena material e palpável; é a presentificação do passado quando o pesquisador consegue retornar ao momento, e a partir daí sistematizar suas ideias. Seria a máquina fotográfica a extensão do olhar.

Mas as imagens já foram objeto de inúmeras reflexões na antropologia. Rial (1995) nos lembra que ela é polissêmica. Para Rocha (1995) a linguagem visual está longe do nominalismo e do realismo com que temos o hábito de explicar os dados empíricos e sensíveis da realidade social. Segundo Collier Jr. (1973) o uso da fotografia nos serve não apenas para mostrar o que já encontramos através de outros meios, mas para ampliar nossos processos visuais. Especialmente porque a máquina consegue ver mais que o olho humano. Para Kossoy (2002) as representações fotográficas são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas que aguardam decifração. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram congelados num dado momento de sua existência/ocorrência.

Conforme MacDougall (2006) a antropologia sempre teve orientação dominante como disciplina de palavras, com o tempo a antropologia e suas pesquisas havia se tornado dependente das palavras de seus informantes. Tacca (2002) trata das chamadas narrativas fotográficas onde há relações sobrepostas de imagens e textos. O uso das imagens, como das palavras, visa traduzir certas experiências pessoais, todavia, ao contrário do que pensamos, não há controle absoluto sobre as imagens

---

<sup>2</sup> Mead (1975) utilizando-se de fotografias, desenhos e esquemas para documentar visualmente seus achados denunciava a fixação pela palavra na antropologia e a pouca atenção dada a outras formas de expressão, mais próximas das culturas - frequentemente ágrafas - que a disciplina estudava.

(nem sobre as palavras), elas às vezes, contradizem o que dizemos. Henri Piault (2000) confere a imagem o poder de tratar de afeto, sentimento, emoção e formas de expressão não verbais. Já Head (2009) alerta para a duplicidade inerente da imagem, através da qual o autor busca elaborar a potência da imagem de ser fiel à vida, ou fiel à vida enquanto experimentada. Afinal, “se imagens são capazes de intervir no mundo, é porque tal mundo já é habitado por imagens” (Head, 2009, p. 42).

Quando se vê uma imagem não se vê apenas o que está representado pela intenção do fotógrafo, mas ela evoca o universo de experiências pessoais de quem a contempla, conforme Caiuby Novaes (2008). Para Pinney (1996) a fotografia possui uma autoridade muito parecida com a da palavra falada ou privilégio da fala sobre a escrita. Para ele há uma tradição ocidental de logocentrismo com ênfase no texto escrito que sustenta, em suas inscrições, a primazia da fala.

Apesar do uso cada vez mais recorrentes das imagens na antropologia, observamos pesquisadoras que pesquisam crianças recorrerem à fotografia sem problematizar a sua utilização. Geralmente, a fotografia é colocada para ilustrar o texto nos resultados da pesquisa ou para comprovar “eu estive lá” (Geertz, 2005). E os trabalhos que recorrem à fotografia como instrumento para a produção de dados – ou seja, que se utilizam da imagem como uma verdadeira técnica de pesquisa – são ainda mais raros. O que observamos é que, na tentativa de realizar o que Geertz (1989) chama de uma descrição densa, as pesquisadoras recorrem às fotografias apenas como lembrança de um acontecimento que elas consideram relevantes para a sua análise, e durante a construção do texto estas são inseridas apenas como uma forma de atestar a presença da pesquisadora em campo ou para reforçar seus argumentos.

Assim, as fotografias comprovam um *being there* que precede a produção textual (Geertz, 2005) mas não dão vazão as reflexões metodológicas sobre o porquê das fotografias serem produzidas, em que condições o foram e quais os critérios de seleção para estarem expostas no texto. Como se deu a captura? As crianças estavam interessadas em participar? Auxiliaram na produção? Foram fotografadas espontaneamente? Os pais estavam presentes? Em que lugares e momentos as fotografias foram feitas? As crianças participaram da seleção delas para inserção no texto? Estas são questões que nos orientam neste artigo, cuja análise de um conjunto de textos revela a ausência de descrições minuciosas da produção das imagens. A

fotografia passa a ser utilizada, então, como atestado de uma certa “autoridade etnográfica” (Clifford, 2002) da pesquisadora, a prova de que esteve lá<sup>3</sup>.

Oliveira (2022) investiga a concepção de infância do povo Tentehar-Guajajara ao considerar as experiências das crianças no cotidiano da Aldeia Morro Branco em Grajaú, no Maranhão. Neste caso, as fotografias estão presentes, mas não há um momento reservado para falar da técnica em si, como foram elaboradas ou como elas auxiliaram no processo de escrita. Além disso, todas as vezes que as fotografias são inseridas, percebe-se uma tentativa de reforçar um argumento, por meio de frases como: “Na imagem abaixo podemos ver/afirmar”, seguidas de algum achado da pesquisa.

Quantas de nós não nos deparamos com textos que afirmam “as crianças trabalham”, seguidos de fotos das crianças trabalhando, ou “as crianças brincam”, seguidos das fotos de crianças brincando? Seria essa a função primeira da fotografia? Reforçar o argumento ou permitir que o leitor veja o que a pesquisadora viu? Ora, o que mais a fotografia pode fazer por nossas pesquisas?

Talvez Favret-Saada (2005) tenha razão ao tratar da limitação da comunicação etnográfica quando reduzida a uma comunicação verbal. As fotografias podem ser o caminho para fornecer informações sobre os aspectos não-verbais da experiência humana.

A comunicação etnográfica ordinária – uma comunicação verbal, voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas – constitui uma das mais pobres variedades da comunicação humana. Ela é especialmente imprópria para fornecer informações sobre os aspectos não-verbais e involuntários da experiência humana (Favret-Saada, 2005, p. 160).

Diniz (2014) menciona a máquina fotográfica como ferramenta essencial na sua pesquisa com crianças adventistas, mas não nos dá nenhuma pista de como essas imagens foram produzidas ou da sua importância para os achados da investigação. O autor utiliza as fotografias ao longo de todo o texto para facilitar a descrição dos espaços, e conseguir elucidar como as crianças se apropriam deles. Assim como ocorre na maioria dos trabalhos, elas são colocadas em escalas menor, acompanhadas de legendas meramente descritivas.

Verifiquemos como, de maneira geral, mesmo quando as fotografias estão presentes no corpo do trabalho, elas são diminuídas em seu tamanho, têm suas cores modificadas podendo ser apresentadas em preto e branco, e a descrição da produção

---

<sup>3</sup> Barbosa e Cunha (2006, p.49) criticam a produção de imagens na pesquisa de campo cuja importância estaria na comprovação da presença do pesquisador no campo, na comprovação da realidade do campo estudado ou como descrição do objeto de estudo.

das imagens é negligenciada. Além disso, até nos trabalhos que as consideram como parte essencial do texto para a leitura da narrativa etnográfica que está sendo disposta, lhes são reservados os anexos. Esse tipo de atitude em relação ao seus usos sugere que talvez as antropólogas não reflitam a real contribuição da técnica para os achados da pesquisa.

Com o objetivo de analisar o lugar da criança no candomblé, Falcão (2010) afirma que as crianças estavam em sua companhia em todo momento, lhe apontando o que deveria ser registrado e ajudando a produzir as fotografias. Mesmo assim, não encontramos no texto uma delimitação dos critérios de seleção das fotos, e se as crianças participaram desta. Além disso, as crianças não são identificadas por sua produção, nem na disposição do texto, nem nas legendas que as acompanham. Todas as vezes que a fotografia é mencionada, ela valida a estadia e entrada em campo da pesquisadora, mas o produto da técnica, que foi tão importante para a construção dos dados obtidos, não aparece na etnografia. Ou seja, a coautoria ou mesmo a autoria das fotografias realizadas pelas crianças no texto, não é considerada. Quando as fotografias são expostas as legendas parecem ser da própria autora e não daquelas que a auxiliaram no processo de captura.

A tese de Monteiro (2021), investiga sobre a concepção de infância entre as crianças ciganas Calons de Sousa, na Paraíba. Segundo a autora, as fotos foram determinantes para a pesquisa acontecer, mas elas não estão dispostas no texto. Apesar de uma qualidade técnica primorosa, foi criado um “Caderno de fotografias” nos anexos do trabalho, onde as imagens podem ser consultadas pelo leitor, limitando a possibilidade de uma narrativa visual complementar a narrativa com palavras.

Outra característica possível de ser averiguada é que, quando as pesquisadoras refletem sobre o uso das imagens na pesquisa, as ponderações vêm no sentido de que foi através das máquinas fotográficas e dos registros da comunidade que elas conseguiram se inserir em campo com eficácia (Sousa, 2015; Falcão, 2010). Interessada em desvendar os processos entrelaçados na produção do corpo e da pessoa na infância Capuxu no sertão da Paraíba, Sousa (2014) afirma que a máquina fotográfica foi essencial para que construísse sua relação com o campo, tornando-a a fotógrafa oficial da comunidade e sendo lembrada como “a menina que tirava fotos” (Sousa, 2014, p. 45).

Mesmo que durante a investigação em si as fotos não assumissem mais esse caráter, temos a dimensão do lugar que a pesquisadora ocupa na comunidade ao ser responsável pelo registro do povo. Foi ele que estabeleceu uma ponte entre a

pesquisadora e os sujeitos, e mesmo assim, não há nenhuma problematização sobre as fotografias presentes no corpo do texto. Assim como também não há indícios de em quais as condições as fotografias foram produzidas e os critérios de seleção das que estão presentes no trabalho.

Por outro lado, Sousa (2014) enfatiza o uso das fotografias como aliada para ajudar a lembrar uma pesquisa de campo extensa, cuja função seria ajudá-la a construir o texto, enredá-lo e traduzir imagens e memórias para a escrita. Vejamos como a autora problematizou sobre as dificuldades dos usos da fotografia para dar conta da dinamicidade da produção do corpo das crianças, argumentando que “a imagem empobrecia o texto”. Isto reflete a pouca familiaridade que nós, antropólogos, temos com a fotografia, suas elaborações e seus usos.

Na pesquisa sobre o universo infantil, o antropólogo se detém às imagens que lhe vêm à memória e recorre às imagens e aos registros que dela fez através das fotografias. Neste caso, as fotografias foram tiradas em alguns dos momentos de produção do corpo do bebê [...]. Mas não informavam com riqueza de detalhes aquilo que eu havia inserido no texto. Achava sempre que **a imagem empobrecia o texto**. Ainda assim, além de funcionar como importante instrumento de socialização da pesquisadora com todo o grupo, uma vez que eu fazia circular as imagens, elas também eram contempladas por mim por longos momentos quando me dispunha a escrever sobre determinado tema. Através da contemplação das fotografias que fiz, o texto era enredado, construído e traduzido das imagens fotográficas e da memória para a escrita (Sousa, 2014, p. 156, grifos nossos).

A autora termina por diferenciar a importância da máquina fotográfica no campo e o lugar das fotografias no texto. Segundo ela, embora a câmera tenha sido uma aliada em campo, “não tenho nas fotografias que fiz, grandes aliadas do texto” (Sousa, 2014, p. 58), o que a fez utilizar-se das fotos na tese apenas como uma referência para o leitor, daquilo que descreve:

Neste caso, a dinâmica das relações entre crianças e padrinhos, entre primos e cônjuges em potencial, e do processo de produção ou cura do corpo ficavam estáticas não podendo ser lidas pelas imagens que a tudo congelava. Ainda assim, selecionei algumas imagens e através de montagens trago-as ao longo da tese para que o leitor tenha alguma referência sobre o que aqui descrevo (Sousa, 2014, p. 58).

Também para Falcão (2010) a fotografia foi fundamental para que pudesse estar em campo, sendo considerada pela comunidade a “*menina da fotografia*”. A autora narra como ser a fotógrafa oficial dos eventos foi o que garantiu sua presença entre os interlocutores, estreitou os laços com a comunidade e possibilitou acesso às crianças sem grandes dificuldades. Segundo Falcão elas lhes apontavam o que valia ser registrado, e até mesmo a ajudavam no processo de produzir as imagens. O que intriga é que essas fotografias não estão presentes no texto, nem mesmo nos anexos, embora

a autora dedique uma parte considerável do seu texto aos benefícios que a produção de fotografias trouxe a sua pesquisa.

Dessa forma, parece que negligenciar a inclusão das fotografias no produto final da pesquisa, pode demonstrar uma falta de valorização tanto do significado atribuído pelas crianças a elas, quanto da comunidade envolvida, que se dedicou a colaborar com a pesquisadora. Situação parecida foi analisada por Sousa e Pires (2021a) em relação aos desenhos elaborados pelas crianças e ausentes nos textos antropológicos. Neste sentido, o modo como antropólogas tem se utilizados dos desenhos das crianças ou das fotografias que fazem delas, revelam muito em comum.

O uso das fotografias como maneira de facilitar o acesso às crianças tem se mostrado um recurso benéfico<sup>4</sup>. No entanto, argumentamos que, para além do primeiro contato com as crianças buscando uma interação prazerosa, as fotografias também podem ser utilizadas como um modo de apresentar o cenário da pesquisa ou até mesmo narrar o ponto de vista das próprias crianças, quando as máquinas fotográficas lhes são oferecidas.

Se observamos atentamente, algumas das pesquisas mencionadas só se tornaram exequíveis porque as crianças não estavam apenas sendo analisadas, mas indicavam o que deveria ser considerado ou não, ao definir o que valia apenas registrar. Assim, as crianças como sujeitos estão ali controlando as impressões das pesquisadoras sobre o campo através da fotografia, nos sentidos de Berreman (1998). Isto ocorre sempre que lhes é dada a oportunidade, já que em boa parte dos casos, nós pesquisadoras capturamos o que achamos legítimo e escolhemos as fotos a partir do modo como enredamos a história, elegendo que fotos entrarão e em que lugar do texto.

Na obra de Silva, Macedo e Nunes (2002), encontramos fotos de crianças indígenas espalhadas por praticamente todos os textos, algumas com legendas, outras não, a autoria e o ano da foto aparecem em sua lateral. Curiosamente, as fotos nem sempre pertencem a uma pesquisa específica, mas são fotos de crianças indígenas de que tratam os textos, as vezes de outros fotógrafos ou projetos antigos, que servem para representar esta criança apresentada nos diversos ensaios, criando quase uma ideia de uma criança indígena generalizada.

---

<sup>4</sup> Na Antropologia é comum que as fotografias sejam utilizadas como elemento importante da rememoração para o momento da escrita; incorporadas na documentação apresentada nos trabalhos finais; e utilizadas como estratégia para a entrada no campo. O próprio Lévi-Strauss (2000) exerceu, por meio da fotografia, um papel social nas comunidades indígenas que estudou, garantindo sua socialização ao mesmo tempo que construía a sua pesquisa profundamente marcada pelas imagens fotográficas.

Vasconcelos (2011) pesquisou a circulação de crianças entre os Guarani de Santa Catarina e suas relações com os processos de parentesco. Entendendo a circulação de crianças como a transferência delas e sua criação entre e dentro das parentelas, sua pesquisa se realizou em três aldeias. A autora apresenta doze fotografias ao longo da dissertação, mas nenhuma menção à técnica é feita ao tratar do percurso metodológico da pesquisa. As fotografias emergem ao longo do texto como que retiradas do nada, seguindo de legendas óbvias, autoria da foto (a própria pesquisadora) e o ano.

Chantal Medaets (2018) interessada pela contribuição de crianças em atividades produtivas em contextos de agricultura familiar, se dedicou a investigar a contribuição de meninos e meninas da região do Baixo Tapajós (Pará) aos afazeres da roça e do trabalho doméstico, além da caça e pesca. Para isso, a autora manipula o termo nativo *se acostumar*, para explicar a aprendizagem por meio de um tempo longo de convivência e observação e uma participação progressiva nas atividades praticadas por adultos. Ao longo do artigo Medaets apresenta um conjunto de seis fotografias, com legendas objetivas e autoria, sem as datas. Nenhuma menção a produção de fotografias como técnica de pesquisa é realizada.

Codinho (2007) pesquisou entre os índios Galibi-Marworno do norte do Amapá, o processo de transmissão horizontal de conhecimentos entre crianças, e nos apresenta um conjunto de quinze fotografias ao longo do texto, além de uma inserida na capa da dissertação. Mas tudo o que a autora afirma sobre o processo é: "Os momentos de tirar fotografias eram também muito propícios para se estabelecer relações com as crianças, visto que estas participavam da construção das cenas, mostrando-me muitas vezes o que era importante ser registrado" (Codinho, 2007, p. 36). Assim, o uso das fotografias no texto parece algo tão naturalizado como meramente ilustrativo, de modo que as condições de sua elaboração não são mencionadas.

Sousa (2004) apresenta-nos trinta e oito fotografias das crianças Capuxu do sertão da Paraíba. No entanto, a autora, nos alerta das dificuldades que foi a produção destas fotografias. Ela não menciona qualquer participação das crianças na seleção das fotografias que foram inclusas no texto final.

O uso da máquina fez com que elas me chamassem a qualquer novo acontecimento para que eu registrasse com as minhas fotografias. Todavia, a tentativa de registros dos momentos por meio da fotografia não foi de todo fácil. O meu intuito era de flagrar os momentos lúdicos e de trabalho das crianças da maneira mais espontânea possível. Com esse fim, passei a ter a máquina fotográfica sempre em punho e pronta para qualquer flagrante. Entretanto, esses acontecimentos não requerem, no mais das vezes, uma fração de segundos. E uma vez flagrado o momento, o tempo de preparação para a foto é suficiente para que as crianças corram envergonhadas, deixando brinquedos, instrumentos de

trabalho e local em busca da proteção de um adulto. Quando isso não ocorria - e passou a ocorrer cada vez menos com a minha aproximação com elas - acontecia das mães darem sempre um jeito de tirar as crianças rapidamente para vesti-las ou arruma-las. Havia um desejo constante por parte das suas mães de que nas fotos os seus filhos aparecessem sempre bem vestidos, limpos e arrumados, assim, a espontaneidade do momento era interrompida (Sousa, 2004, p. 21).

Para além de conseguir nos conectar com nossos interlocutores, a fotografia poderia assumir um papel importante na percepção que as crianças têm sobre estarem participando de uma pesquisa (Diniz, 2010; Oliveira, 2002, Sousa e Pires 2021b) e também por serem concedidas às pesquisadoras como materialização de afeto (Monteiro, 2021; Falcão, 2010). Logo, qual a função das fotografias para as pesquisas com crianças?

Voltamos a dizer que, estando no texto, a fotografia cumpre a função de situar o leitor em relação ao contexto da pesquisa, o ambiente em que vivem estas crianças. Ora, de que outro modo poderíamos conhecer o fenótipo comum - produto do casamento endogâmico preferencial entre primos - das crianças Capuxu fotografadas por Sousa (2004, 2014)? Como conhecemos as crianças Galibi-Marwono do Amapá (Codonho, 2007)? As crianças Guajajara (Oliveira, 2022)? As crianças Guarani de Santa Catarina (Vasconcelos, 2011)? Ou mesmo as crianças Calons de Sousa, na Paraíba (Monteiro, 2019)? Todas elas fotografadas em suas aldeias, ranchos, sítios e em suas brincadeiras, seus afazeres, seus rituais.

O que propomos é que a produção de imagens é uma ferramenta entre muitas outras e, que em nenhum caso, ela se propõe a substituir a descrição textual dos fenômenos observados. Entretanto, não seria a fotografia nem mais, nem menos legítima que a escrita. Os critérios de rigor aos quais podemos submetê-la podem ser tão restritos quanto àqueles aos quais é submetida a escrita nas ciências sociais. O domínio da linguagem fotográfica e dos procedimentos técnicos e teóricos faz parte desse rigor. A este respeito, Luis Eduardo Achutti (2004) afirma:

Quando a fotografia for finalmente aceita como uma outra forma de escritura, igualmente legítima, de descrição etnográfica e base conceitual, ela poderá ser vista como um outro meio de interpretar o mundo, poderá ser lida como o discurso de um determinado autor, autor que, é claro, como qualquer um que se dedicar a escrever, corre o "risco" de expor sua própria subjetividade, fato que deve ser aceito como parte do encontro antropológico (Achutti, 2004, p. 81).

Inspiradas em Guran (2000) entendemos que as imagens podem ter uma dupla função: descobrir e contar. A primeira no sentido de obter informações por meio delas, do que elas informam sobre um dado conteúdo; a segunda diz respeito a um modo de contar uma história, de narrar um acontecimento. Por que não unirmos texto e

fotografia para uma descrição mais densa? Afinal, como nos diz Sarmiento: “é o diálogo entre linguagens verbal e iconográfica o que constitui o cerne das metodologias visuais: falar por imagens o que as palavras não chegam a conseguir dizer” (Sarmiento, 2014, p. 5).

Para Sarmiento (2014, p. 08) a imagem é ao mesmo tempo um artifício e um artefato: “artifício porque ela resulta de um processo de seleção, recorte e fixação de uma parcela do real; artefacto porque atualiza uma capacidade de configuração técnica desse ato de fixar impressões visuais”. Ou seja, ao mesmo tempo em que revela algo do sujeito fotografado, sua cultura, seu cotidiano, suas práticas sociais, a imagem carrega em si o ponto de vista do investigador.

Acreditamos que para entender o mundo das crianças a partir do seu ponto de vista é necessário deixar que as crianças também conduzam o processo de pesquisa, tomando-o em colaboração com o pesquisador. Neste sentido, deixar que as crianças produzam as fotografias pode ser uma interessante forma de revelar o mundo a partir de seus olhos. A produção de dados se vista desta forma, é realizada de mãos dadas e fazendo valer a polifonia desejada para refletir a agência e protagonismo das crianças que povoam nossos textos etnográficos. É disto que trataremos na sessão a seguir.

## **COMO AS CRIANÇAS PODEM CONTRIBUIR?**

Clifford (2002), ao criticar a autoridade etnográfica do pesquisador fundamentada unicamente em sua observação, nos leva a entender que os textos não são produtos isolados dos sujeitos da pesquisa, mas emergem de uma polifonia. O autor destaca que é preciso pensar a produção etnográfica de forma dialógica, como um resultado de uma negociação construtiva entre dois ou mais sujeitos. Assim, o modo de autoridade polifônico, - que se distancia das etnografias que buscam conter apenas a voz do etnógrafo -, propõe uma produção colaborativa do conhecimento através da citação extensiva e regular dos informantes ao longo do trabalho (Clifford, 2002, p. 54). À parte desse caráter de vozes plurais dentro do texto, a antropologia contemporânea vem se mostrando interessada em colocar os informantes como construtores ativos dessa realidade, rompendo com o poder absoluto do etnógrafo baseado apenas na sua observação pessoal.

Nesse sentido de construção de uma realidade em conjunto com os nossos interlocutores, Sousa e Pires (2021b) tecem uma crítica sobre o longo caminho que a antropologia tem a percorrer, para fazer com que, as mesmas crianças que aparecem

nos nossos universos de pesquisa, apareçam também nos nossos textos, sendo reconhecidas em seus esforços e contribuições intelectuais para os produtos etnográficos finais.

Dessa forma, sugerimos como Clifford (2002) que abandonemos o modelo interpretativo de autoridade e possamos assumir os modos dialógicos e polifônicos, reconhecendo as crianças como co-autoras não somente dos dados produzidos na pesquisa, mas também dos textos finais. Para isso, a observação do pesquisador é essencial, especialmente por conseguir dar conta da maneira única como as crianças se expressam e agem, revelando de forma transparente suas percepções. Entretanto, elas podem e devem estar aliadas ao uso de técnicas como a produção de desenhos e de fotografias, que expandem a observação do campo ao texto, sendo meios capazes de fazer emergir no texto o que veem os antropólogos e o que pensam as crianças.

Para garantir isso, uma maneira segura seria garantir também que as fotografias sejam produzidas não apenas pelo pesquisador sem a participação das crianças, num modo unilateral. Devemos reforçar que as câmeras (e os instrumentos de captura em geral) possam ser dadas às crianças para que elas participem do processo de decidir o que fotografar, como e quando. Além disso, é importante que as crianças também participem da seleção das fotos, da apresentação delas (cores, formato, tamanho) e das legendas que as descrevem.

Paula (2012) investigou os usos sociais que as crianças faziam da mídia na vida cotidiana em uma escola de Belo Horizonte, utilizando-se ao longo da pesquisa, de entrevistas, da produção de desenhos e de fotografias. Paula relata que as crianças estavam ansiosas para conhecer o destino dos documentos por elas elaborados, sempre perguntando, por exemplo, para quem as fotos estavam sendo tiradas. Silvia, uma de suas interlocutoras, pediu: “Quando você levar para o Rio, leve também minha foto, assim vai ficar mais fácil para as pessoas entenderem o que eu estou falando” (Paula, 2012, p. 227).

Entendo as crianças como coautoras da pesquisa, Paula decidiu levar até elas os seus resultados. Curiosas as crianças - de cinco a sete anos - ansiavam para ver o “livro da pesquisa”, mas ao ter acesso a versão final as mesmas reagiram com desaprovação. Dentre as inúmeras queixas, destacamos as fotografias ausentes do texto, conforme o diálogo que se estabelece entre a autora, denominada no fragmento de Esperança, e algumas das crianças:

Alice: Não tem as nossas fotos?

Luciana: Como as pessoas vão saber que é a gente?  
Esperança: Não tem as fotos. Mas tem os desenhos com os nomes de vocês, é como se fosse uma foto.  
Alice: Então você fala que é a gente. Pras pessoas saberem direito.  
Esperança: Mas eu falo, quer ver (faço leitura de uma parte da dissertação que descreve a identificação das crianças).  
Lorena: Eu quero que ponha a minha foto. (Todos ficam em silêncio).  
Elisa: Você tem que colocar a foto da gente, senão o livro não é da pesquisa.  
Yuri: E também pra que você tirou as fotos certinhas? O que vai fazer com elas? (Silêncio) (Paula, 2012, p. 233).

Paula reflete sobre como, para as crianças, os desenhos e as fotos, eram “as questões mais importantes da produção” (Paula, 2012, p. 233). Muitas vezes as fotografias elaboradas durante a pesquisa se tornam a maior referência feita pelas crianças ao nosso trabalho, a memória mais bem elaborada e o sentimento instaurado nas nossas interlocutoras de sua maior contribuição para a pesquisa.

Mas não é apenas na produção de imagens que pode se materializar a participação das crianças, mas também na análise e interpretação destas. Assim, o texto etnográfico será de autoria coletiva, mesmo quando há referência ao exercício de funções individuais. A investigação participativa com uso das metodologias visuais tem também importantes desenvolvimentos no âmbito da sociologia da infância (Alderson e Morrow, 2011).

Também Mendonça (2021) nos conta como foi a experiência de voltar ao campo e apresentar as crianças a dissertação transformada em “livro”, como elas lhes diziam. Tal qual ocorreu com Paula, também foram as fotografias (e os desenhos) o que mais chamou a atenção das crianças.

Apresentei como tinha organizado o conteúdo e fui questionada por muitas se elas estavam mesmo no trabalho, com perguntas como: “tu escreveu o que sobre as coisas que eu disse?” e “tem foto minha?”. Uma das crianças, a menor, veio até mim para se encontrar nas folhas e, ao achar uma amiga em uma das fotos, pegou o trabalho nos braços e saiu mostrando a cada criança, as quais também fizeram o mesmo movimento de buscar a si nas linhas, nos desenhos e nas imagens (Mendonça, 2021, p. 25)<sup>5</sup>.

É importante tomar a posição de não apenas incluir as crianças como agentes somente durante o processo de produção dos dados, mas fazer refletir tal agência e protagonismo nos textos finais. Fernandes e Caputo (2020) ao discutirem a participação das crianças nas fotografias em suas pesquisas, nos alertam para a importância de interrogar as nossas próprias maneiras de usar as fotografias nas pesquisas, ao contrário corremos o risco de “criar novas subalternizações da importância ontológica e

---

<sup>5</sup> O trabalho de Mendonça (2020) apresenta uma quantidade significativa de fotografias, mas estas tão pouco foram problematizadas ou tiveram sua produção explicitada.

metodológica da criança em favor do protagonismo que o adulto assume nestes processos” (Fernandes e Caputo, 2020, p. 15).

As pesquisadoras sugerem o que chamam de “fotoetnografia miúda”, que prioriza as crianças como protagonistas das imagens coproduzidas. Nesse sentido, às crianças seriam dados os recursos materiais e a autonomia de pensar o que fotografar, quando fotografar, como fotografar e a decisão de qual fotografia iria circular.

Assegurar uma imagem da criança-sujeito nos processos de pesquisa em geral, e nos processos de pesquisa que utilizam fotografias de crianças, implica da parte do investigador um profundo conhecimento teórico, empírico e formal-jurídico, de modo a acautelar que as crianças possam assumir visibilidade e autoria, sem nunca descuidar a sua proteção e o respeito pelo seu interesse superior. Implica considerar que quando envolvemos as crianças em processos de pesquisa é fundamental assegurar que, antes de mais, elas estão informadas acerca do processo e de todas as nuances que o envolvem, para poderem posicionar-se, fazer escolhas, tomar decisões em conjunto com os seus responsáveis legais e com os investigadores, acerca do modo como pretendem aparecer nos relatórios de pesquisa (Fernandes e Caputo, 2020, p. 18).

Alguns trabalhos mais recentes já abrem o caminho para essa abordagem. O artigo de Müller (2012) analisa as visões das crianças sobre a cidade que habitam. O estudo acompanhou um grupo de nove crianças, de quatro a doze anos, moradoras de três diferentes bairros da cidade de Porto Alegre. Para alcançar o objetivo, a pesquisadora usou como principal instrumento as fotografias produzidas pelas próprias crianças para a análise. Uma característica que nos salta a visão é a atenção em descrever como esse processo da produção das fotos ocorreu, quais os critérios e condições de produção, e a participação das crianças em nomear e selecionar as fotografias. No entanto, as fotografias não aparecem no texto.

Cada criança então recebeu a máquina fotográfica (automática ou manual), com um filme de doze poses, duas vezes, com intervalos de alguns meses. Naquela semana, eu não tinha contato com a criança e sua família e não interfeiri na forma de organização para a realização das fotografias. Ao retornar depois de sete dias para coletar a câmera, eu perguntava como o processo havia transcorrido e sempre era surpreendida com a variedade de situações provocadas pela presença da câmera. Após a revelação de cada conjunto de fotos, eu as mostrava para as crianças e motivava uma conversa. Nesse momento da pesquisa, já tínhamos estabelecido vínculos de confiança, e recebi, sem problemas, o consentimento de todas para gravar esses encontros, o que foi posteriormente transcrito. As conversas fluíam espontaneamente; as crianças ficavam curiosas no aguardo das fotos e me contavam com mais detalhes e com o aporte das fotografias como o processo tinha se desenvolvido nos dias de posse da câmera. Também, neste momento, as fotografias eram nomeadas pelas crianças, o que contribuiu para um primeiro exercício de análise (Müller, 2012, p. 301).

Pastore (2020) buscou compreender o brincar e as relações que o antecedem, mediam e sucedem, enquanto atividade significativa das crianças e possibilidade de transformações e releituras de mundos possíveis, a partir de três comunidades

moçambicanas localizadas ao sul do país. As fotografias presentes no trabalho foram produzidas pelas próprias crianças pensando na técnica como uma forma de co-produção de análise, e resultou em um enorme acervo dos anos de pesquisa com mais de 5 mil fotografias. As crianças nomearam cada uma, e participaram da seleção e autorização do modo de como as usar. Também nos é informado o interesse das crianças em participar da produção das fotografias: “Existiram momentos em que as crianças fotografaram aquilo que consideraram importante, e outros em que preferiam apenas brincar” (Pastore, 2020, p. 47). Contudo, a montagem de sequências na construção de narrativas imagéticas ficou a critério e responsabilidade da pesquisadora.

A autora narra que durante o processo de pesquisa no mestrado a fotografia foi essencial para a criação de vínculos com as crianças, tornando-se uma das formas de devolutivas da pesquisa. Porém, no doutorado, ela tornou-se um dispositivo para integrar as crianças, seus fazeres e seus olhares na própria escrita. Também vemos uma preocupação em trazer uma reflexão teórica sobre as imagens, se apropriando de autores da antropologia visual e da fotografia. Durante o trabalho as fotografias aparecem em sua escala original e nas legendas são conferidas a autoria das crianças através de seus nomes.

Morais (2023) buscou compreender as culturas infantis a partir de cinquenta e sete crianças participantes da pesquisa realizada no parquinho de uma comunidade religiosa de Brasília-DF. Em sua discussão metodológica dá espaço para contar como a fotografia foi um instrumento para a produção da pesquisa etnográfica. As fotografias foram produzidas e escolhidas pelas crianças. A Autora também teoriza a fotografia e apresenta a razão de usá-la no trabalho. No texto, os rostos das crianças aparecem desfocados ou escondidos por trás dos desenhos que fizeram, ou são aplicados filtros diversos.

Miranda (2014) em sua dissertação trata de como os Asuriní do Xingu concebem e produzem suas crianças e de como suas crianças retratam a si mesmas e a realidade que enxergam. As imagens do trabalho de campo trazidas por ela, aliadas a uma reflexão teórica revelam a relação entre espaços, saberes e habilidades manejadas por homens e mulheres na fabricação de corpos consanguíneos, preparados pelo e para o xamanismo. Aqui ela faz uso das legendas de forma interessante, para além de informações de autoria, é narrado todo o contexto no qual as fotografias foram produzidas, o que dá mais sentido para a seleção das que aparecem no texto. Além disso, a autora é cuidadosa ao deixar as fotografias em sua escala original e dar o devido destaque para elas no trabalho.

Estes trabalhos servem de exemplos de como a fotografia como técnica não só pode agir em favor da pesquisadora para lembrar fatos que ocorreram em campo, mas como ferramenta que coloque as crianças como partícipes e coautoras dos trabalhos.

## **ROSTOS BORRADOS: QUESTÕES ÉTICAS NOS USOS DAS FOTOGRAFIAS DAS CRIANÇAS**

Se de um lado argumentamos em favor da presença das fotografias das crianças – ou produzidas por elas – nos textos etnográficos, por outro, reconhecemos que o maior obstáculo a presença das fotografias nos textos se dá pela questão ética. Embora não desejemos esgotar a discussão aqui, não podemos nos omitir ao fato.

Quando pesquisadoras se mostram interessadas em tratar as crianças como sujeitos de pesquisa, não há como não se deparar com a discussão sobre a ética. Presente em diversos artigos (Sousa e Pires, 2020b; Kramer, 2002; Barbosa, 2020) nas problematizações em sala de aula, nos GT's e mesas-redondas de eventos na antropologia, a questão da pesquisa com crianças é sempre polêmica. Ainda mais se envolve o uso de imagens. A submissão de projetos que envolvam crianças aos conselhos de ética se torna critério imprescindível para concorrer aos editais em todo o país.

Para Caputo e Sant'anna (2020), essa preocupação exacerbada em relação à ética nas pesquisas com crianças compromete a participação das mesmas, na sua dimensão enquanto cidadã e sujeito participante de processos de pesquisa, pelo fato das crianças continuarem atreladas à ideia de dependência, imaturidade ou vistas como portadoras de uma voz com pouca relevância (Caputo e Sant'anna, 2020, p. 6). Sob uma perspectiva adultocêntrica as crianças são vistas como subalternas, sem direito de fala (Spivak, 2010). Em contrapartida, essa discussão nos faz lembrar sobre a importância de ouvir o que as crianças têm a dizer.

Uma das ideias centrais da antropologia da criança é a de que o conceito de voz na infância tem que contemplar as múltiplas formas de comunicar que a criança utiliza, que vão desde a linguagem gráfica, à linguagem simbólica, à linguagem motora ou ainda à linguagem oral. Caputo e Sant'anna (2020) defendem que falar de voz, no caso das crianças, implica ir para além da oralidade, mas considerar todas as possíveis formas que elas se utilizam para comunicar (Caputo e Sant'anna, 2020, p. 7).

Nesse contexto, a utilização de abordagens visuais, que incluem desenhos, fotografias e vídeos, entre outros, têm se mostrado uma importante aliada na valorização de suas vozes. Com as mudanças no paradigma que altera a compreensão da criança e da infância, surgem também mudanças de norte epistemológico para os trabalhos. No entanto, observamos que os procedimentos metodológicos relacionados às fotografias muitas vezes ficam restritos às diretrizes éticas que orientam essas pesquisas, sem que a produção fotográfica seja discutida de maneira mais aprofundada, e ainda menos as questões estéticas associadas.

Nos trabalhos que pensam a técnica da fotografia sob o ponto de vista de *como* serem produzidas, vemos essa preocupação associadas à motivação das imagens seguirem os princípios éticos pré-estabelecidos. É certo que algumas pesquisas, por tratarem de temáticas delicadas, precisam tomar posição para refletir esse caráter ético, mas por determinação externa.

É o caso de Lima (2021) que analisa a experiência com a infância vivenciada pelas crianças que se encontram acolhidas na Casa da Criança de Imperatriz. A autora menciona seu esforço em demonstrar todo o potencial inventivo das crianças e sua liberdade de agir durante o texto. Entretanto, a particularidade desta pesquisa é que ela foi realizada em um abrigo para crianças advindas de situações consideradas de risco e que estão sob proteção estatal; sendo assim foi necessário elaborar um Requerimento de Autorização para Pesquisa Etnográfica na Casa da Criança e submetê-lo à apreciação do juiz da Vara da Infância e Juventude da Comarca de Imperatriz. O pedido foi deferido, porém ela foi alertada verbalmente da proibição de revelar nomes e rostos - tanto em desenhos quanto em fotografias - e histórias de vida das crianças.

A partir de uma abordagem crítica a respeito da retirada de autonomia das crianças por parte do Estado, que não permite que elas tenham poder sobre escolher nomear ou não suas histórias, Lima (2021) optou por dar nomes de passarinhos para identificar as crianças presentes na pesquisa. Porém, essa identificação não é destinada para as fotografias, que, mesmo sem o rosto delas aparente, não identifica a criança presente na imagem no texto por meio do nome de passarinho, suprimindo a contribuição das crianças.

Dialogando sobre questões éticas nas pesquisas com crianças, Kramer (2002), analisa a utilização dos nomes verdadeiros ou fictícios, o uso das imagens, seus rostos, e a autorização do uso dessas imagens tanto em fotografias, vídeos e filmes. Entre tantos dilemas éticos envolvendo fotografias, destacamos:

No caso das fotografias de crianças, há que se perguntar: quem autoriza a participação, o nome, a gravação? Quem autoriza a utilização de fotografias? Sabemos que é o adulto, e concordamos que é necessário que assim seja, mais uma vez para proteger as crianças, para evitar que suas imagens sejam exploradas, mal usadas. Mas se a autorização quem dá é o adulto, e não a criança, cabe indagar mais uma vez: ela é sujeito da pesquisa? Autoria se relaciona à autorização, à autoridade e à autonomia. Pergunto: como proteger e, ao mesmo tempo, garantir autorização? Como resolver esse impasse? (Kramer, 2002, p. 53).

Kramer (2002) destaca que tem havido um esforço significativo para estabelecer uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo e indivíduo social, que não apenas produz cultura e história, mas também é moldada pelas histórias e culturas contemporâneas. Por essa razão, a autora se opõe ao uso de números, iniciais ou letras do nome para se referir às crianças, pois acredita que essa prática nega sua condição de sujeitos e sua identidade, sendo incoerente com o referencial teórico das pesquisas mais contemporâneas. No entanto, a autora também reconhece que, em contextos onde a revelação dos nomes representa um risco real, pode ser necessário usar nomes fictícios, como no caso de Lima (2021).

Outra pesquisa que pode exemplificar essas questões é a de Barbosa (2020). A pesquisa foi realizada nos espaços de atuação de uma organização não-governamental voltada ao atendimento de meninos e meninas em situação de rua em Recife. O autor descreve o uso de uma máquina fotográfica digital para registros de fotos e pequenos vídeos dos locais onde esteve para realizar o trabalho. As fotografias inseridas são desfocadas e em preto e branco com o objetivo de preservar a imagem das crianças em situação de rua. Não estamos aqui desconsiderando o princípio ético que está colocado sobre a produção e inserção das fotografias, mas as fotos que estão presentes no texto adquirem um teor praticamente inelegível a fim de cumprir com as recomendações para não expor os sujeitos da pesquisa.

Sousa e Müller (2024) encontraram uma maneira inusitada de apresentar os bebês que investigaram nas praças públicas de Imperatriz, no Maranhão. Com o intuito de resguardar a imagens de tais bebês, as autoras optaram por aplicar um filtro às fotografias que as transformou em algo parecido com pinturas.

Entre tantos dilemas e impasses, o que pode ser feito? Fernandes e Caputo (2020) respondem a essa questão com a seguinte sugestão: Para nós, pesquisadoras de crianças, "a ética começa com a escolha do assunto e dos sujeitos" (Fernandes e Caputo, 2020, p.18). É necessário refletir os seguintes problemas: Sobre que temas estamos falando? Que tipo de criança estamos pesquisando? Isso obrigatoriamente irá definir o modo como fazemos fotografia em nossas pesquisas. Assim conseguiremos considerar: Como estamos fotografando? As crianças podem fazer essas fotografias?

Quais as condições apropriadas? Elas estão participando do processo de seleção das imagens que vão para o texto? Estão sendo perguntadas sobre a autorização das imagens? Talvez a partir de tais questionamentos, a produção e inserção das fotografias nos textos consigam ser mais coerentes com o protagonismo que buscamos dar às crianças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo dedicamo-nos a analisar os usos da fotografia como técnica de pesquisa na antropologia e sua inserção nos textos antropológicos. Para isso, selecionamos alguns trabalhos etnográficos que fizeram usos de fotografias – seja apenas na pesquisa de campo, seja no texto final – e submetemos ao escrutínio com o intuito de verificar os seguintes elementos: a) a afirmação da importância da fotografia para a produção de dados da pesquisa; b) a descrição dos processos de produção das fotografias; c) se foi feita a inserção das fotografias no texto e de que modo.

De maneira geral, observamos que, ora as fotografias aparecem nos trabalhos sem que nada seja dito sobre a importância das mesmas para o tema investigado, ora são construídas afirmações da elaboração de fotografias como importante técnica de pesquisa, mas estas não aparecem no texto.

Notamos ainda que pouco se diz sobre o processo de produção das fotografias, sobre as condições em que foram tiradas, com a autorização ou não dos sujeitos, como selecionaram os momentos de captura e como foram escolhidas as que foram inseridas no texto. Em tudo isso, seria importante situar o lugar das crianças e sua participação de maneira transparente, em respeito não só as suas imagens mas, sobretudo, à sua colaboração para com a pesquisa.

Aludimos para o fato de que a técnica de produção de fotografias, bem como a própria máquina fotográfica, é constantemente utilizada nas pesquisas como um modo de se aproximar das crianças, uso esse que se sobrepõe ao uso da ferramenta como modo de produzir os dados da pesquisa, elucidar questões ou situar o contexto em que estas crianças experimentam suas infâncias.

No que se refere à inserção das fotografias nos textos, além de destacarmos a importância de se descrever os processos de produção das imagens, em que condições, lugares e termos foram construídas, enfatizamos a necessidade de colocá-las em lugar de destaque nos nossos textos, uma vez que encontramos na mesma ferramenta três usos fundamentais: o de proporcionar o acesso às crianças e as suas narrativas; o de

situar o leitor em relação ao contexto e as condições em que esta infância ocorre; bem como o de produzir respostas às questões da pesquisa.

Visibilizamos aqui excelentes etnografias sobre/com crianças que afirmam ter utilizado as fotografias como importante técnica de pesquisa, mas não as inserem no texto, e quando o fazem as colocam em anexos. Noutras vezes, quando as mesmas vêm no corpo do texto não são exploradas em sua potencialidade.

Acreditamos que defender o uso da técnica unicamente como uma maneira de se aproximar e se conectar com as crianças é excluir a potencialidade da técnica e a sua capacidade de revelar rituais, rotinas, cotidianos, suas maneiras de ser, vestir, posturas e aparência, como se apropriam de determinados símbolos ou espaços ou como se relacionam com o território ou o ambiente. Quando conseguimos nos apropriar da potencialidade da técnica, a fotografia poderá agir verdadeiramente em favor das pesquisas, não apenas para rememorar cenas em campo, mas como modo de informar os resultados da pesquisa com a colaboração e a coautoria das crianças.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

ALDERSON, Priscilla; MORROW, Virginia. **The ethics of research with Children and Young People: a Practical Handbook**. London, sage, 2011.

BARBOSA, Douglas Vasconcelos. **"Todo dia tem rebuliço"**: os meninos e meninas em situação de rua e as percepções de cidadania em espaços urbanos. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2020, 191p.

BARBOSA, Andréa, CUNHA, Edgar T. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões numa aldeia dos Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1998.

CAMPOS, Sandra Maria Lacerda. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 1996, p: 275-286.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998. Pp. 17-35.

CAPUTO, Maristela; SANT'ANNA, Cristiano. "Sou ekedi Lara de Oxóssi. Meu nome sou eu e Oxóssi. Não coloca meu nome sozinho não" Notas sobre fotografia e ética nas

pesquisas com crianças. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Dossiê temático "Imagens: resistências e criações cotidianas", 2020, p. 307-326, jun. E-ISSN 1517-1256.

CAUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana** 14(2): 455-475, 2008.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CODONHO, Camila. Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência das regras de organização social entre as crianças indígenas Galibi-Marworno. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 9, n. 17, p. 137-61, jul./dez. 2009.

COLLIER, John. **Antropologia Visual – a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo: EPU, EDUSP, 1973.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, 20(2), jul/dez 1995, 185-206.

DINIZ, Priscila Ribeiro. **"Criança adventista": Um estudo sobre a evangelização infantil.** 104p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPB. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, 104p.

FALCÃO, Christiane Rocha. **"Ele já nasceu feito": o lugar da criança no Candomblé.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010, 106p.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Tradução: SIQUEIRA, Paula. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, 2005, v. 13, n. 13, p. 155-161.

FERNANDES, Natália; CAPUTO, Guedes. Quem tem medo das imagens das crianças na pesquisa? – Contributos para a utilização de imagens na pesquisa com crianças. **Soc. Infanc.**, 5, pp: 5-19, 2020.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989. Pp. 3-21.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia no cenário da escrita. In: GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

GRINMSHAW, Anna. **The Ethnographer's Eye: Ways of seeing in modern anthropology.** Cambridge University Press: New York, 2001.

HEAD, Scott. Olhares e feitiços em jogo: uma luta dançada entre imagem e texto. In GONÇALVES, Marco e HEAD, Scott (org). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. P.36-67.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Plínio Martins Filho, 2002.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 10, 2000, p. 155-165.

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. **Teorizing childhood**. Cambridge: Polity Press, 1998. 237p.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, 2002.

Leite de Sousa, Emilene y Müller, Fernanda. Los bebés desafían a la ciudad: una etnografía en movimiento en Imperatriz/Maranhão. **Sociedad e Infancias**, 8(1), 37-49, 2024. <https://doi.org/10.5209/soci.95084>

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Jéssica de S. **Casa de passarinho**: A experiência com a infância vivenciada pelas crianças em uma instituição de acolhimento em Imperatriz - MA. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021, 116 p.

LIMA, Jéssica de S.; SOUSA, Emilene L. de. Autonomia das crianças *versus* controle institucional: uma análise da agência infantil em uma casa abrigo de Imperatriz. **Revista Pós Ciências Sociais (REPOCS)**, v. 17, n. 33, p. 297-318, 2020. <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n33p297-318>

LIMA, Jéssica. S.; SOUSA, Emilene L. Entrando em casa de passarinhos: impasses ético-metodológicos em pesquisas com crianças institucionalizadas. **ÁLTERA Revista de Antropologia**, v. 2, p. 144-163, 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984, (Coleção Os Pensadores), Pp. 17-48.

MALINOWSKI, Bronislaw. **El cultivo de la tierra y los ritos agrícolas en las Islas Trobriand**. Ed. Labor. Barcelona, (1977 [1935]).

MEAD, Margareth; BATESON, Gregory. **Balinese character**: a photographic analysis. New York: New York Academy of Sciences, Special publication, v. 2., 1962.

MEAD, Margareth. Visual Anthropology in a discipline of words, in: Paul Hockings (Ed.), **Principles of Visual Anthropology** (3-10). The Hague: Mouton de Gruyter, (1975 [2003]).

MACDOUGALL, David. **The Corporeal Image. Film, Ethnography, and the senses**. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

MEDAETS, Chantal. Crianças na economia familiar do Baixo-Tapajós (Pará): Ajudar, aprender, "se acostumar". **Civitas**, Rev. Ciênc. Soc. 18 (2). May-Aug. 2018.

MIRANDA, Xanda de Biase. **Kununi Rukara**: uma etnografia dos terreiros de criança Asurini. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014, 214p.

MONTEIRO, Edilma do N. Jacinto. **Uma etnografia sobre tempo, redes e relações:** infância e educação entre os calon. 392 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MORAIS, Lucimara Gomes Oliveira. **Culturas Infantis:** um estudo com crianças em um parquinho de uma comunidade religiosa de Brasília. Brasília. 205p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, 2023.

MÜLLER, Fernanda. Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 295-318, jan./abr. 2012.

MÜLLER, Fernanda; SOUSA, Emilene L. Três campanhas e uma representação: a infância pré-moderna no bolsonarismo. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, [S. l.], v. 56, n. 3, 2024.

OLIVEIRA, Cynthia H. C. **"As crianças do Morro Branco":** uma etnografia da infância Tentehar-Guajajara. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS-UFMA. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022, 148p.

PASTORE, Marina Di Napoli. **Brincar-brinquedo, criar-fazendo:** entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PAULA, Maria Esperança de. O processo e o produto da pesquisa: a negociação do texto de pesquisa com as crianças. In: RIBES, Rita; MACEDO, Nélia Mara R. (org.). **Infância em pesquisa.** Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 223-235.

PIAULT, Marc Henri. **Anthropologie et cinéma.** Paris: Nathan, 2000.

PINNEY, Christopher. A história paralela da Antropologia e da fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n 2. A cidade em Imagens, Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 1996.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia da USP.**, vol. 50, no. 1, São Paulo, Jan./June 2007.

RIAL, Carmen. Por uma antropologia do visual contemporâneo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 119-128, jul./set. 1995

ROCHA, Ana Luiza C. Antropologia das formas sensíveis; entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. **Horizontes Antropológicos**, Antropologia Visual, Ano I, vol 2, 1995.

SARMENTO, Manuel. J. Metodologias Visuais em Ciências Sociais e da Educação Torres, L. e Palhares, J-A. (org.) **Metodologias de Investigação em Educação e Ciências Sociais.** Braga. Húmus (col. Ciências Sociais da Educação), 2014.

SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera L. S. **Crianças indígenas:** ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002, (Coleção Antropologia e Educação).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **A crítica da razão pós-colonial: a cultura da leitura e a política da representação**. São Paulo: Editora 34, 2020, pp. 61-112.

SOUSA, Emilene L. As crianças e as linhas de transmissão em São Luís: Perspectivas metodológicas de uma pesquisa sobre representações infantis. **Revista Mediações**, 24(2), 307-335, 2019. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2019v24n2p307>

SOUSA, Emilene L.; PIRES, Flávia F. "Vai entrar no livro?": A participação das crianças das pesquisas de campo aos textos etnográficos. **Humanidades & Inovação**, 7(28), 141-158, 2020.

SOUSA, Emilene L.; PIRES, Flávia F. "Entendeu ou quer que eu desenhe?": os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, 27(60), 61-93, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200003>

SOUSA, Emilene L. de. As crianças e a etnografia: Criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Iluminuras**, 16(38), 140-164, 2015. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.57434>

SOUSA, Emilene L. de. Etnografia com crianças em tempos de pandemia: uma reflexão ético-metodológica. **Cadernos De Pesquisa**, 52, 2022. <https://doi.org/10.1590/198053149122>

SOUSA, Emilene L. de. **"Que trabalhais como se brincásseis"**: trabalho e ludicidade na infância Capuxu. Campina Grande, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2004.

SOUSA, Emilene L. **Umbigos enterrados**: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado em Antropologia Social, 2014.

SOUSA, Emilene L. Autonomia do Universo Infantil versus Autonomia Infantil: a agência das crianças no contexto camponês Capuxu. **Temáticas - Revista de pós-graduandos em Ciências Sociais** da Unicamp, n. 51, p. 181-182, 2018. [10.20396/tematicas.v26i51.11633](https://doi.org/10.20396/tematicas.v26i51.11633)

TACCA, Fernando de. Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como "selvagem" na Comissão Rondon. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 45, n. 1, 2002.

VASCONCELOS, Viviane C. C. **Tramando redes**: parentesco e circulação de crianças Guarani no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2011.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

#### **POR QUE FOTOGRAFAMOS?: FOTOGRAFIAS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS E SUA INSERÇÃO NOS TEXTOS ETNOGRÁFICOS**

Why do we photograph?: Photographs in research with children and their integration into Ethnographic texts

**Emilene Leite de Sousa**

Doutorado em Antropologia Social  
Universidade Federal do Maranhão  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS  
Imperatriz, Brasil  
[emilene.sousa@ufma.br](mailto:emilene.sousa@ufma.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-2608-6677>

**Eula Rebeca Silva Lima**

Graduada em Jornalismo  
Mestre em Sociologia/PPGS  
Universidade Federal do Maranhão,  
Imperatriz, Brasil.

[eula.rebeca@discente.ufma.br](mailto:eula.rebeca@discente.ufma.br)

 <https://orcid.org/0009-0004-4963-5119>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Vinte e Três, número 09, Bairro Parque do Buriti, Imperatriz, Maranhão, Brasil. CEP: 65916-460

### AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão/FAPEMA pela bolsa de mestrado concedida a segunda autora; Ao Conselho Nacional de Pesquisa/CNPq pela bolsa produtividade concedida a primeira autora.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** E. L. Sousa, E. R. S. Lima.

**Coleta de dados:** E. L. Sousa, E. R. S. Lima.

**Análise de dados:** E. L. Sousa, E. R. S. Lima.

**Discussão dos resultados:** E. L. Sousa

**Revisão e aprovação:** E. L. Sousa

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### FINANCIAMENTO

Este artigo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Cod 001).

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 26-11-2025 – Aprovado em: 14-03-2026